



A JUSTIÇA E A BONDADE DE DEUS

Uma defesa bíblica do Juízo Final

THOMAS R. SCHREINER


VIDA NOVA

Esse livro sobre o Juízo Final de Deus exprime tudo o que nós esperamos da erudição de Tom Schreiner: exegese pormenorizada, fidelidade confessional, aplicação prática e escrita clara. Não é um tema fácil de abordar, mas é necessário, para que jamais esqueçamos por que o evangelho de Jesus realmente é boas-novas.

Jonny Gibson, professor adjunto de Antigo Testamento,
Westminster Theological Seminary, coeditor
de *Ruined sinners to reclaim*.

Esse é um importante estudo sobre uma verdade bíblica que precisa ser proclamada à nossa geração. Tom Schreiner demonstra que o Juízo Final de Deus se fundamenta em sua perfeita bondade, lidando com o pecado humano com retidão a fim de estabelecer sua justiça no mundo. A obra trata de porções diversas da Bíblia com cuidado e minúcia, destacando e analisando temas importantes e criando uma imagem poderosa na mente do leitor.

John Coulson, vice-diretor e professor de Bíblia,
Brisbane School of Theology.

Por acaso parece encorajador ler um livro inteiro sobre o que a Bíblia ensina a respeito do juízo de Deus? Deveria ser. Nessa obra, Tom Schreiner nos oferece a difícil verdade acerca do justo juízo de Deus, que merecemos em virtude de nossa condição pecaminosa. A má notícia é realmente má. Mas é isso o que torna tão edificante a boa notícia sobre a benevolência misericordiosa de Deus em Jesus, o Messias. Quanto maior a precisão com que se compreende o justo juízo de Deus, mais forte brilha sua obra salvadora.

Andy Naselli, professor de Teologia Sistemática
e Novo Testamento, Bethlehem College and Seminary,
presbítero na The North Church,
Mounds View, Minnesota, Estados Unidos.

Esse é um livro profundamente inspirador acerca de uma verdade importante, confrontadora e muitas vezes negligenciada. Pode ser doloroso ponderar sobre o nosso pecado e o juízo de Deus, mas fazê-lo nos ajuda a contemplar de modo mais profundo a graça de Deus. Tom Schreiner escreveu um guia profundo e acessível a respeito desse importante tema.

Peter Orr, professor de Novo Testamento,
Moore Theological College.

SUMÁRIO

<i>Reduções gráficas</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
1. Somente um Deus santo.....	15
2. A feiura do pecado	39
3. Juízo nos Evangelhos e em Atos.....	57
4. Juízo nas Epístolas.....	85
5. Juízo no livro de Apocalipse	111
6. Vivendo à luz do Juízo.....	139
7. A salvação brilha mais forte.....	153
Epílogo	167
<i>Índice remissivo</i>	171
<i>Índice de passagens bíblicas e fontes antigas</i>	179

PREFÁCIO

Por que alguém desejaria escrever sobre o Juízo Final? Talvez quem aborde esse tema seja obcecado pela desventura, pelo ódio em vez do amor, pela punição em vez da misericórdia, pela amargura em vez da alegria. É provável que alguns dos que se debruçam no tópico do juízo tenham um coração de pedra em vez de carne e uma personalidade mordaz — e talvez alguns leitores suspeitem de que eu disponha do mesmo temperamento. Seja como for, permitam-me explicar por que eu quis escrever um livro sobre o Juízo Final.

Primeiro, a Escritura fala diversas vezes sobre juízo; é um tema ubíquo, tanto no Antigo como no Novo Testamentos. Contudo, limito-me principalmente ao Novo Testamento, uma vez que o tema é muito amplo para abarcar toda a Bíblia em um livro sucinto. O juízo não é uma invenção de pessoas infelizes, mas representa a verdade. Adolf Schlatter afirma, com propriedade, que “quando a verdade se torna nossa juíza e nos mostra o que é irrepreensível, emudecemos perante nosso justo Juiz”.¹

Segundo, o juízo é muitas vezes ignorado ou negligenciado na academia, já que não existem muitos livros sobre o tema. Não obstante, algumas obras úteis estão à disposição.² Minha intenção,

¹Adolf Schlatter, *Do we know Jesus? Daily insights for the mind and soul*, tradução para o inglês de Andreas J. Köstenberger; Robert W. Yarbrough (Grand Rapids: Kregel, 2005), p. 21.

²R. V. G. Tasker, *The biblical doctrine of the wrath of God* (London: Tyndale Press, 1951); Leon Morris, *The biblical doctrine of judgment* (Grand Rapids: Eerdmans, 1960); John R. Coulson, *The righteous judgment of God: aspects of judgment in Paul's letters* (Eugene: Wipf & Stock, 2016); Brendan Byrne, *Paul and the economy of salvation: reading from the perspective of the Last Judgment* (Grand Rapids: Baker, 2021).

A JUSTIÇA E A BONDADE DE DEUS

porém, é escrever uma introdução breve e acessível ao assunto, restringindo o estudo especialmente (embora não exclusivamente) ao Juízo Final. Sem este, o enredo bíblico certamente não pode ser compreendido. Salvação, justificação, reconciliação, redenção, regeneração, adoção e outras realidades salvíficas não fazem qualquer sentido se os seres humanos não merecem a condenação. Se não há nada de que ser salvo, não precisamos ser justificados, reconciliados, redimidos e perdoados.

Terceiro, creio que uma das razões pelas quais o evangelho cristão soa estranho a muitos nos tempos atuais é o fato de o conceito de um Juízo Final ser amplamente rejeitado. Como afirma Leon Morris, o indivíduo moderno “já descartou de sua mente, em grande medida, a ideia de um Juízo Final. Ele não vê a si mesmo prestando contas. O Novo Testamento não compartilha de seu otimismo disparatado”.³ Hoje, a destruição final dos pecadores, daqueles que se rebelam contra o Senhor, que não depositam nele sua fé e confiança, parece injusta e vingativa para muitos. Morris é, mais uma vez, preciso: “Parece axiomático, para nós, que Deus, em amor, salvará todos os homens. Não é isso o que a Escritura ensina”.⁴ As pessoas não se sentem motivadas a buscar Jesus Cristo para obter perdão e escapar da ira, pois não consideram que seus pecados são dignos de punição. Não tenho ilusões de que não cristãos lerão este livro ou que descrentes, mesmo que o leiam, serão persuadidos. Escrevo este livro para missionários, pastores, obreiros no ministério e para todos os cristãos, a fim de que nos lembremos de que o juízo é fundamental para a mensagem que proclamamos, de modo que não tenhamos vergonha ou nos escusemos de falar a

³Morris, *The biblical doctrine of judgment*, p. 65-6.

⁴Ibidem, p. 69.

PREFÁCIO

seu respeito. Com efeito, espero que os cristãos exultem no juízo — não porque anseiam pela punição dos outros (já que oramos e esperamos que sejam salvos), mas, sim, porque o juízo demonstra a santidade e a bondade de Deus. Sem o juízo, Deus não seria bom e a vida na terra não teria qualquer significado, uma vez que nossas decisões morais, em última instância, não teriam importância. Elas podem ser importantes para nós, pessoalmente, mas não haveria um acerto de contas final para nossa vida, nenhuma responsabilidade derradeira por nossas ações e, portanto, nenhum significado real para nossa vida — e isso seria verdadeiramente uma má notícia.

Sou grato à Crossway por publicar este livro em língua inglesa, e particularmente a Justin Taylor, que leu cuidadosamente um esboço inicial e fez inúmeras sugestões valiosas. Registrei parte de suas sugestões em notas de rodapé. Por fim, meu amigo e formidável editor, Chris Cowan, provou ser um auxílio inestimável com sua leitura aguçada e diversas recomendações proveitosas.

SOMENTE UM DEUS SANTO

SENHOR, tu és justo e teus juízos são retos.

SALMOS 119.137

Introdução

Leon Morris inicia seu livro sobre o juízo de forma brilhante, demonstrando a partir de diversos textos que juízo e justiça caminham juntos: se não há juízo, então não há justiça.¹ Isaías proclama que “o SENHOR é um Deus de justiça” (Is 30.18). Malaquias censura aqueles que duvidam que Deus seja “o Deus da justiça” (Ml 2.17), pois ninguém confiará ou obedecerá ao Senhor se ele for injusto. Isaías nos lembra de que o Senhor não precisa de seres humanos para informá-lo sobre o que é justo:

A quem ele pediu conselho, para lhe dar entendimento e lhe mostrar o caminho da justiça? (Is 40.14)

Abraão ora ao Senhor a respeito do destino de Sodoma, indagando, com confiança: “Não fará justiça o juiz de toda a terra?” (Gn 18.25). As Escrituras nos garantem que Deus é reto e justo: “Porque eu, o SENHOR, amo a justiça” (Is 61.8, NAA).

¹Leon Morris, *The biblical doctrine of judgment* (Grand Rapids: Eerdmans, 1960), p. 7-8.

A JUSTIÇA E A BONDADE DE DEUS

O Senhor ama a justiça porque seu ser — sua natureza — é justo. Ele não ama a justiça como algo que subsiste fora de seu ser. Portanto, Moisés entoa:

Ele é a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos (Dt 32.4).

O salmista declara: “Justiça e retidão são a base do seu trono” (Sl 97.2). Os juízos do Senhor são justos porque ele ama a justiça, porque *ele é justiça*.² Ele não precisa de ninguém para lhe ensinar o que é justo, já que sua própria natureza — ou caráter — consiste nisso. Isto é, a justiça o define.³ Ou, melhor, o Senhor define a justiça. Uma vez que Deus é justo, ele sempre faz o que é certo, e seus juízos não devem ser contestados, mas louvados. Afinal, se não houvesse justiça no mundo, o mundo não faria sentido. Seria um lugar de caos absoluto e anarquia.⁴

Vemos a justiça de Deus desde a primeira história da Bíblia. Adão e Eva foram ordenados a não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.17; 3.2-3), e foram ameaçados com morte se violassem as instruções de Deus (Gn 2.17; 3.3). Não nos é apresentada nenhuma razão de por que é proibido comer daquela

²Isso se alinha à noção de simplicidade divina, de modo que não concebemos Deus como sendo composto de partes.

³Morris afirma, a respeito do Senhor: “Ele é essencialmente justo, justo em seu ser interior. Justiça não é uma questão de indiferença, mas de zelo afetuosos”. Morris, *The biblical doctrine of judgment*, p. 19.

⁴Como diz Jonathan Leeman: “À margem do juízo de Deus este universo não faz nenhum sentido. Tudo perde o valor. Nada é precioso, valioso ou digno. Basta perguntar a um niilista”. Jonathan Leeman, *The rule of love: how the local church should reflect God's love and authority* (Wheaton: Crossway, 2018), p. 122 [publicado em português por Fiel sob o título *A regra do amor: como a igreja local deve refletir o amor e a autoridade de Deus*].

SOMENTE UM DEUS SANTO

árvore específica. Podemos dizer que Deus, como Criador e Senhor, define o bem e o mal, determinando o que é certo e errado. Isso não significa dizer que bem e mal são arbitrários, já que as normas morais refletem o caráter e a natureza de Deus. Contudo, como Senhor soberano de todas as coisas, Deus pode também prescrever ordenações que não são, isoladamente, normas morais. Adão e Eva transgrediram o mandamento de Deus, rejeitando seu senhorio sobre eles. Consequentemente, foram separados de Deus (Gn 3.17-19), expulsos do paraíso (Gn 3.23-24) e sentenciados a morrer fisicamente. O juízo contra o mal se manifesta nas primeiras páginas do enredo bíblico, demonstrando que o mal tem consequências.

A narrativa do Dilúvio representa outro relato espantoso de juízo, e, mais uma vez, ocorre no princípio da história, ou pelo menos da história registrada e documentada. Os seres humanos foram acusados de serem corruptos (Gn 6.3,11). A impiedade se multiplicou sobre a terra como ervas daninhas brotando em verdes pastos, e “toda a imaginação dos pensamentos de seu [do homem] coração era continuamente má” (Gn 6.5). Dois elementos do relato são surpreendentes.

Em primeiro lugar, as descrições da impiedade humana são vagas. Somos informados de que os seres humanos eram corruptos e ímpios, de que seus pensamentos eram sempre maus. Entretanto, não temos um retrato ou descrição específica do mal que cometeram. Seria razoável esperar uma exposição chocante das ações humanas, dado o terrível Dilúvio que destruiu praticamente toda a humanidade. Mas, em vez de receber um relato minucioso das maldades cometidas, somos convidados a usar nossa imaginação para preencher os detalhes dos males perpetrados pelos seres humanos.

Em segundo lugar, todas as pessoas do mundo, à exceção de oito delas, foram arrastadas pelo cataclismo que extinguiu a vida.

A JUSTIÇA E A BONDADE DE DEUS

Se nos perguntarmos por que uma medida tão drástica foi necessária, a resposta é que os seres humanos eram corruptos, ímpios e praticavam o que era mal. Com efeito, somos informados de que todo pensamento e motivação eram malignos (Gn 6.5). O juízo foi drástico e avassalador porque o mal perpetrado era amplo, devastador e terrível.

O motivo para um juízo dessa natureza não é evidente para muitas pessoas em nosso próprio mundo, por isso tentarei rastrear, neste capítulo, as razões para o juízo no testemunho do Antigo Testamento. Não pretendo exaurir o assunto aqui; antes, farei uma análise de alguns textos veterotestamentários.⁵ Ademais, considero o Antigo Testamento como uma unidade canônica e, assim, a resposta que estamos buscando pode ser discernida pela leitura do testemunho do Antigo Testamento como um todo. Além disso, é importante reconhecer que o juízo do Dilúvio é uma prévia do Juízo Final. No Novo Testamento, o Dilúvio tem uma relação tipológica com o Juízo Final, apontando para ele e o antecipando. O juízo que virá no retorno de Jesus é comparado ao juízo que devastou o mundo no Dilúvio (Mt 24.38-39; Lc 17.26-27; 2Pe 2.5,9; 3.6). Assim, os relatos de juízo do Antigo Testamento têm uma relação orgânica com o Juízo Final e apontam para ele.

Deus é santo

Deus é santo: essa é uma resposta — fundamental e relevante — para a pergunta: “por que Deus julga o mal?”. Muitas vezes, no Antigo Testamento, especialmente em Isaías, *Yahweh* é chamado

⁵A respeito do Juízo Final na literatura judaica do segundo Templo, veja Brendan Byrne, *Paul and the economy of salvation: reading from the perspective of the Last Judgment* (Grand Rapids: Baker, 2021), p. 16-34.